

Distribuição
gratuita aos
associados

SBC

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO



**NÚMERO
DEZASSETE
JUL/OUT
2011**

**Combate ao
desemprego**

**O pacote laboral
não vai passar...**

**No 5 d'outubro
houve homilia !!!**

**Temos que
arranjar hábitos
de poupança ...**

**Pensões
acumuladas ???
nada...**

**Ah sim, com salários
médios de 650 euros ???!!**

**Que é feito do
Alvarito ??**

e da Economia ??

**Oh Nuno, com
tantos cortes não
vais implodir ?**

**O contabilista Gaspar vai
evitar novo empréstimo
com o aumento do IVA
de dos bens básicos
de consumo ... ah ah**

**Três vezes mais cortes
que o recomendado pela
Troika !!!**



COIMBRA

Av. Fernão de Magalhães, 476 – Apartado 404
3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880 • Fax: 239854889

DEPARTAMENTO DE TEMPOS LIVRES

Dep. e Gab. de Apoio aos Tempos Livres
Av. Fernão de Magalhães, 476 – Apartado 404
3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880 • Fax: 239854886
E-mail. tempos.livres@sibace.pt

Gab. do Desporto / Clube do Bancário
Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17
3000-250 COIMBRA
Tel.: 239852340; Fax: 239852349
desporto@sibace.pt

SECRETARIADO REGIONAL DE COIMBRA
Tel./Fax: 239821935

COMISSÃO DE REFORMADOS
Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17
3000-250 COIMBRA
comissao.reformados@sibace.pt
Tel.: 918167510 | 239852340



CALDAS DA RAINHA

Rua da Caridade, 17 - 1º Dtº
2500-141 CALDAS DA RAINHA

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 262840020 • Fax: 262840029

sams-caldas@sibace.pt



FIGUEIRA DA FOZ

Rua da Guiné, 57
3080-034 FIGUEIRA DA FOZ

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 233407310 • Fax: 233407319

sams-figueira@sibace.pt



GUARDA

Lg. de S. Francisco, 6º Piso - 1º B
6300-754 GUARDA

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 271220450 • Fax: 271220455

sams-guarda@sibace.pt

SECRETARIADO REGIONAL DA GUARDA
Tel.: 271222016



LEIRIA

Rua Dr. José Henrique Vareda, 27 - 1º
2410-122 LEIRIA

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 244820080/90 • Fax: 244820091

sams-leiria@sibace.pt

SECRETARIADO REGIONAL DE LEIRIA
Tel.: 244822743



UISEU

Rua Nossa Senhora de Fátima, 11
3510-094 VISEU

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 232430670 • Fax: 232430679

sams-viseu@sibace.pt

SECRETARIADO REGIONAL DE VISEU
Tel.: 232425033

DESTAQUES

Fundos de pensões	pág. 6
Jornadas Sindicais na CGD	pág. 8
Transferência ilegal dos trabalhadores do FINIBANCO para Lisboa	pág. 9
UGT quer aumentos salariais já em 2012	pág. 12
Comparticipação em medicamentos em 100%	pág. 14
Dizeres e Saberes / Pedra do Chão	pág. 22
Pelo S. Martinho, Castanhas e Vinho	pág. 27

ÍNDICE

Editorial pág. 4

Mensagem do Presidente pág. 5

Sindical pág. 6 a 14

- As nossas pensões não estão à venda;
- Contra a Austeridade;
- Jornadas Sindicais na CGD;
- Conselho Geral da FEBASE;
- Os trabalhadores do FINIBANCO querem continuar a trabalhar no Porto;
- A Febase leva privatização do BPN à Assembleia da República;
- 1º Dia Sénior da Febase;
- O BPI está empenhado em manter o nível de emprego;
- A UGT quer aumentos salariais de pensões já em 2012;
- Carta enviada ao Presidente do SBC;
- Participação de medicamentos em 100%.

Internacional pág. 15 e 16

- Sindicatos Europeus protestam contra a austeridade;
- 2º Congresso da UGT - Brasil;
- 3ª Conferência da UNI-Europa.

Formação pág. 17

- O SBC continua a sua aposta na Formação.

Lazer pág. 17

- Lourenço Almeida Azevedo.

Sams pág. 18

- Informação.

Secções Regionais pág. 19

- I Passeio em BTT - Serra da Lousã;
- Convívio de Sueca.

Cultura pág. 20 a 27

- Registe os seus tempos livres;
- A agricultura está na moda;
- Dizeres e Saberes;
- Poesia: Pedra no Chão;
- Viseu e as acessibilidades;
- Numária - Cinco Escudos;
- Recordatório Rainha Santa Isabel - Alfredo Bastos;
- Pelo S. Martinho Castanhas e Vinho;

FICHA TÉCNICA

Propriedade

Sindicato dos Bancários do Centro
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt

Tel. 239 854 880 Fax: 239 854 889
informação@sibace.pt

Director e Editor

António Sequeira Mendes

Sub-Director

João Antunes

Conselho Editorial

Aníbal Ribeiro
Carlos Silva
Francisco Carapinha
Freitas Simões

Fotografia

SBC
João Antunes

Colaboradores

Aníbal Ribeiro,
Freitas Simões
A. Castelo Banco,
Carlos Silva,
Isabel Rocha,
João Antunes,
Luís Tudella,
Paulino Mota Tavares,
Agostinho Torres de Almeida,
Sequeira Mendes

Composição Gráfica

Centro Gráfico do SBC
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt

Telef.: 239 854 880

Depósito Legal

260437/07

Tiragem Bimestral

6500 exemplares

Distribuição gratuita aos associados

Na capa:
Actualidade Político-Sindical





Uma Maioria, Um Governo e... Um Presidente

“[...] Ou os sindicatos enveredam por uma nova estratégia, como seja a de trazer os trabalhadores a participar no contexto sindical, ... ou correm o sério risco de se limitarem a fazer a gestão da diminuição gradual do seu poder com o ocaso à vista... ou com vista ao ocaso. [...]”

Os sindicatos não podem andar a reboque de ninguém, muito menos devem deixar que alguém de fora defina a sua agenda política. Nos tempos que correm, em que importantes decisões que se prendem com a vida presente e futura dos bancários estão em cima da mesa, temos que arregaçar as mangas e ir direitinhos à luta, sem interferências, quer elas venham dos partidos, da entidade patronal, ou do governo.

Este é o contributo dos sindicatos para a construção da democracia política, económica e social do nosso país, por um lado e é o nosso compromisso com milhares de trabalhadores que democraticamente depositaram nas nossas mãos a responsabilidade de os representar nos mais diversos campos em que se joga o seu destino.

Os ataques desenfreados que estão a ser desferidos contra todos nós, bancários e contra o povo português, consentidos por um Presidente ausente, são uma vingança da direita europeia, reaccionária e neo-liberal e protagonizada e interpretada por um governo também ele neo-liberal e sem norte, cada vez mais impante e odioso, apresentando-se como receita para todos os males. Se não vejamos: o aumento de impostos que a *Troika* acordou eram na ordem dos 2,3 mil milhões de euros para o período de 2012. Pois o governo já ultrapassou aquela verba e propõe um aumento de mais 41%. A *Troika* previa, também para aquele período cortes gigantescos na despesa pública na ordem dos 5,2 mil milhões de euros e já o governo avança com mais 64%, que vão incidir nas pensões, nas prestações sociais, na saúde e na educação.

Em termos práticos, este programa vai levar o país para uma depressão prolongada e sem paralelo nos últimos 150 anos da nossa história. Com esta política, a recessão vai estender-se de 2008 a 2013, ano em que o governo prevê um PIB equivalente a 2004, o que significa que estamos perante uma década perdida.

O contributo dos sindicatos deve extravasar, em momentos de crise, as suas paredes e juntar-se a todos os movimentos sociais, definindo novas estratégias, novas lideranças, novas práticas democráticas, deve solicitar e construir a

solidariedade nacional e internacional, deve revitalizar e reconstruir a luta ideológica. Este será o contributo para um movimento sindical que se apresenta fraco em muitos países, com substancial redução do número de associados, a que corresponde um enfraquecimento financeiro e lhe vai acarretar uma grande debilidade do seu poder negocial e naturalmente uma prolongada perda de influência política e de legitimidade.

É neste contexto que temos que arranjar forças e suscitar as energias de todos para que possamos recusar as privatizações dos sectores públicos essenciais e a defesa dos quatro pilares essenciais dos serviços públicos, que são o SNS, a escola pública, a segurança social e os transportes públicos.

O alargamento da base social de apoio dos sindicatos parece fundamental, devendo os sindicatos prestar mais atenção às categorias e estratos sociais mais desprotegidos e carentes de organização, como os trabalhadores precários e a recibos verdes e procurando fazer a articulação com os novos movimentos sociais, que por fora e à margem dos sindicatos, têm demonstrado possuir enorme força e uma grande capacidade de penetração nos sectores mais jovens e desempregados.

Ou os sindicatos enveredam por uma nova estratégia, como seja a de trazer os trabalhadores a participar no contexto sindical, a de praticar e exigir a solidariedade internacional, a de uma nova estratégia de luta ideológica através de um processo de aprendizagem gerando novas ideias de modo a que os sindicatos se possam livrar de receitas ultrapassadas, (a história diz-nos que eventuais alianças com o patronato, por exemplo, dão mau resultado) ou correm o sério risco de se limitarem a fazer a gestão da diminuição gradual do seu poder com o ocaso à vista... ou com vista ao ocaso.


Sequeira Mendes



carlos.silva@sibace.pt

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

Acabaram as Ilusões (???)

Mais uma edição da Revista de Informação do SBC é trazida à estampa neste mês de Outubro de 2011. E são tantas as ideias que me passam pela cabeça, com o intuito de as repassar para os meus caros consócios, que concluí que meia página não é suficiente para incorporar a expressão dos meus pensamentos. Li com o habitual interesse o Editorial da Revista da FEBASE, que nesta altura em que escrevo estas linhas está a ser impressa para distribuição, neste mês redigido pelo seu Director, Delmiro Carreira. Não me contenho em efectuar duas transcrições da sua autoria no texto ali plasmado:

“No dia em que faleceu Steve Jobs, “o génio visionário”, Cavaco Silva afirmou nas comemorações do 5 de outubro, a propósito da crise orçamental, económica e social com que nos debatemos, que “acabaram as ilusões”.

E por aqui se depreende que o título da minha mensagem é retirado daquele texto. Porque sou daqueles que nunca viveu de ilusões, mas sim de expectativas de vida, assentes na capacidade de trabalho, no potencial de cada cidadão trabalhador para conquistar os seus sonhos e enfrentar as suas utopias. Sim, porque sonhar é importante, sobretudo se considerarmos que o alcançar de objectivos deve constituir-se como um ânimo permanente à nossa actividade diária e que nos deve impelir para o futuro, sempre com redobrada esperança no almejar desses objectivos de vida. Mas sonhos não se confundem com ilusões. E a verdade é que muitos portugueses caíram no logro

destas últimas, como se tudo à sua volta fosse conseguido sem esforço e com um mero recurso ao crédito fácil para tudo: viagens, estudos, bons carros, casa de último modelo, compra a prestações dos apetrechos para o lar, etc, enfim tudo o que uma boa novela mundana de final feliz nos mostra na televisão a toda a hora. Mas a vida é muito mais do que sonhar acordado. E as ilusões desvanecem-se, como agora em que vivenciamos uma crise sem precedentes, mesmo perante os padrões daquela que fustigou o mundo em 1929.

Mas há o direito à esperança, como bem relembra Delmiro Carreira:

“Sabemos que temos de fazer sacrifícios – cortar nas despesas, dito de outro modo –, para aguentarmos o fardo de mais impostos necessários para equilibrar o Orçamento do Estado, mas temos o direito a uma palavra concreta de esperança.”

Mas essa esperança devemos ser todos e cada um de nós a procurá-la. E uma forma de o conseguirmos é recorrermos à História e aos valores que ela nos pode ensinar e que devemos reaprender, pois parece há muito estarem esquecidos, face ao “boom” de bem-estar e desenvolvimento económico e social que constatámos e vivemos nos últimos anos.

Muitos trabalhadores, sobretudo os mais jovens, não sabem que os direitos que hoje estão consagrados na legislação e nas convenções colectivas de trabalho foram conseguidos à custa de muitas lutas, canseiras, desilusões, ingratidão e não-reconhecimento de tantos dos seus actores principais. Mas a Unidade, a Solidariedade, a Justiça Social, as Liberdades Cívicas e Políticas de hoje são um dado adquirido, que não têm no seu BI as dores do seu parto. Só quem as viveu e sentiu.

É por isso que, ao participar na 3ª Conferência da UNI-EUROPA, em Toulouse, assisti ao desenrolar de

discursos sentidos e doridos, assentes em realidade sociais similares dos nossos parceiros europeus. A crise e os seus efeitos são sentidos à escala planetária. E são os trabalhadores as suas principais vítimas.

Não posso deixar de repetir o que já pronunciei por diversas vezes, e que continuarei a evidenciar, mesmo que a voz me doa: é em momentos de graves crises sociais, económicas e de confiança que importa que façamos prevalecer a Unidade dos trabalhadores. E esta só pode ser conseguida se as suas organizações representativas tiverem forte capacidade reivindicativa.

Os sindicatos serão um travão à aparente marcha inexorável dos sacrifícios exigidos aos portugueses. E se as ilusões acabaram, não acabou a esperança dos portugueses em terem uma vida melhor, em lutarem por um ensino público de qualidade, em acederem a um SNS gerido de forma racional e aberto a todos os portugueses como o exige a Constituição, em verem garantido o pagamento das suas pensões de reforma por uma Segurança Social pública com consciência social.

Hoje os nossos adversários não são as entidades patronais. São os Governos e as suas medidas. Ajustadas e implementadas por entidades estrangeiras, condicionadoras das vidas dos cidadãos e sem qualquer autoridade democrática na sua actividade.

Acabaram as Ilusões ?

Mas não acabou a Esperança.

Cabe aos Sindicatos e aos seus dirigentes definirem as formas de luta que resistam a esta avalanche de arbitrariedade e discricionariedade, vazias de sentido social e de solidariedade, que põem em causa um modelo social pelo qual tantos lutaram e que importa e urge defender.

Carlos Silva



As nossas pensões não estão à venda !

Freitas Simões

freitas.simoese@sibace.pt

Independentemente da análise que se fizer, sobre a bondade e a legitimidade da integração dos actuais reformados bancários no Regime Geral da Segurança Social, com a correspondente transferência dos valores existentes nos seus Fundos de Pensões, existe um facto que Governo e Associação Portuguesa de Bancos não podem esquecer: **as pensões de reforma e de sobrevivência estão regulamentadas pela contratação colectiva**, acordada, livremente entre os Sindicatos e as Instituições de Crédito.

E deste ponto os Sindicatos não abdicam. Qualquer alteração ao que contratualmente temos em vigor só se fará com o acordo dos Sindicatos. Não contem com os bancários para servir de muleta na resolução de problemas que não criaram, como sejam o não cumprimento do défice ou o excesso de endividamento público, abdicando de uma reforma conseguida ao fim de uma carreira de trabalho.

Do que está instituído nos vários Instrumentos de Regulamentação Colectiva de Trabalho ressalta, em primeiro lugar, que o **pagamento das nossas pensões é da responsabilidade dos bancos**, que gerem esses valores através de fundos de pensões em cujas comissões de acompanhamento os Sindicatos estão representados.

Está igualmente garantido, que a **actualização anual das pensões de reforma e sobrevivência é indexada aos aumentos da tabela salarial** dos trabalhadores no activo.

Está, também, consignado que nos casos em que o valor da reforma da segurança social seja inferior à contratualizada nos vários acordos de trabalho, os **bancos são obrigados a suportar o diferencial existente**.

Finalmente, e muito importante, é o facto de serem os **Fundos de Pensões os garantes das responsabilidades com o pagamento dos encargos da entidade patronal para com os SAMS**, referente aos reformados bancários.

Tendo conhecimento da existência de negociações entre Governo e APB, tendo em vista a transferência dos fundos de pensões dos bancários reformados para a Segurança Social, foi solicitada pela UGT, SBC, SBN e SBSI, uma reunião de trabalho, com carácter de urgência, ao Ministro de Estado e das Finanças, onde fossem analisadas todas estas questões. Essa reunião

teve lugar no passado dia 3 de Outubro, com a presença do Secretário de Estado da Administração Pública e do Chefe de Gabinete do Ministro das Finanças. Os bancários já foram informados através de comunicado dos resultados dessa reunião. **O Governo ficou consciente de que uma eventual transferência terá de ter a aprovação dos Sindicatos e de que isso só se verificará com a manutenção das nossas actuais condições**. Seremos convocados para a mesa negocial logo que estejam dirimidos os problemas existentes entre o Governo e a APB. De facto, no montante a transferir é que parece estar o problema, com a valorização dos activos, a taxa de desconto e a taxa de mortalidade a serem questões fundamentais. Exigimos, da parte do Governo e dos Bancos, seriedade negocial. Não são os reformados bancários que estão a pedir para serem transferidos para o Regime Geral da Segurança Social, pelo que não querem vir a ser acusados de sobrecarregar aquele regime. Até porque a Caixa de Abono de Família dos Empregados Bancários, alimentou nas últimas décadas aquele Regime em mais de 120 milhões de euros anuais, resultantes dos excedentes das contribuições de trabalhadores e entidades patronais.

A terminar: exigimos da APB ser tratados como interlocutores essenciais e responsáveis que somos. É bom que ninguém se esqueça do que está acordado e de que não abdicaremos dos nossos direitos. E se isso for respeitado, pensamos que, com todos os constrangimentos e dificuldades por que hoje passa o sistema financeiro de que se não podem afastar cenários de insolvência, os **reformados bancários ficarão muito mais seguros em relação ao seu futuro**.



Contra a Austeridade

Todos os dias são divulgadas novas medidas que pioram o nível de vida dos trabalhadores e pensionistas. A sobretaxa de IRS, equivalente a metade do subsídio de natal, criada por este governo, veio impor mais sacrifícios aos portugueses que vivem do seu salário.

Todos nós somos contra estas medidas, mas a ter que haver aumentos de impostos, terão que ser o mais equitativos possível.

É lógico que uma distribuição injusta dos sacrifícios não é socialmente sustentável, nem aceitável.

É bom que o governo comece a tomar consciência de que as medidas que está a implementar, não devem ser só para trabalhadores por conta de outrem, porque essas já chegam.

Empresas com lucros fabulosos,

passam actualmente ao lado da crise, que só os seus trabalhadores sentem.

É nos tempos de dificuldades que mais se exige justiça social.

Toda esta minha revolta e estado de espírito crítico, reflecte o arrastar de uma negociação colectiva na banca, em que as Instituições de Crédito continuam a utilizar o argumento da actual situação do sector, para não proceder a aumentos salariais.

Também no sector da saúde, todos os dias somos confrontados com medidas redutoras. É a participação nos medicamentos que baixa, o valor dos medicamentos que aumenta, as taxas de isenção que vão acabar na sua grande maioria, os custos de saúde a aumentarem, e quantas outras medidas que por aí virão!

Nós, SAMS do Sindicato dos Bancários do Centro, é no âmbito social que sempre pautamos a nossa actuação, procurando minimizar o efeito tão perverso que estas medidas reflectem na vida familiar dos bancários. Assim, a partir de 1 de Outubro o SBC- SAMS Centro passará a comparticipar os **medicamentos aos seus associados em 100%** do valor de referência dos genéricos.

Nessa data, será implementada uma nova política comercial nas **LOJAS DE ÓPTICA - SAMS**, em que as próteses, aí adquiridas, terão um encargo diminuto para os nossos sócios.

Aníbal Ribeiro



Jornadas Sindicais na CGD

Em boa hora a Direcção do SBC decidiu levar a efeito nos meses que antecederam o habitual período de férias de Verão, concretamente, nos meses de Junho e Julho, umas Jornadas Sindicais exclusivamente dirigidas à CGD, que mais não foram que um conjunto de iniciativas de carácter sindical, tendo sido abordados todos os colegas, um a um, em todos os balcões da nossa área sindical.

Sob o lema de um sindicalismo de proximidade, que o SBC elegeu há muito como uma das suas principais preocupações, quatro equipas, todas elas constituídas por elementos dos Corpos Gerentes, percorreram toda a nossa área de jurisdição sindical e todos os balcões da CGD foram objecto da nossa visita e todos os trabalhadores abordados.

O diálogo institucional com estes trabalhadores foi profundo, tendo sido elencado um conjunto de questões laborais e preocupações que afectam estes nossos colegas, havendo um compromisso por parte do SBC de levar essas questões, quer à Administração da CGD, quer inseri-las em futuras negociações do AE, quer mesmo à Consertação Social

O Coordenador da Sindicalização do SBC para a CGD, Gentil Louro, é peremptório quando afirma que “



esta tarefa sindical, junto dos trabalhadores é uma imagem de marca deste sindicato e do seu pelouro “ e faz notar “ a grande receptividade que todos sentiram por parte da generalidade dos colaboradores da CGD “. Instado sobre os resultados práticos, isto é, acerca da adesão dos trabalhadores às nossas propostas, foi claro ao confirmar que “ muitos trabalhadores foram sensíveis aos nossos pressupostos sindicais, isto é, foram sensíveis às teses de um sindicato democrático e de proposição, com assento na Consertação Social, tornando-se de imediato nossos associados “, pelo que considera estas Jornadas “ um êxito assinalável, sob todos os pontos de vista “.

“ Todos saímos mais enriquecidos, nós sindicalistas, pelo contacto e pelo conjunto de ensinamentos que recolhemos desta acção e os trabalhadores porque tiveram oportunidade de serem confrontados com um sindicalismo vertical e inserido no movimento sindical europeu “, rematou Gentil Louro.



Os trabalhadores do Finibanco querem continuar a trabalhar no Porto

No decurso do processo de compra do Finibanco pelo Montepio Geral, a Administração deste banco comprometeu-se a não despedir qualquer trabalhador. Porém, a 12 de Agosto, fez chegar aos sindicatos um documento que transcrevia a vontade de encerrar os serviços centrais do ex-Finibanco no Porto, manifestando a vontade de transferir todo o seu pessoal para Lisboa.

Por diversas vezes o SBN tentou junto da Administração daquele banco agendar uma reunião para que esta questão da transferência obrigatória e tempestiva fosse resolvida à mesa das negociações, tendo sempre recebido, por parte do MG, uma não resposta.

Ao mesmo tempo, os trabalhadores em causa, começaram a receber cartas para se apresentarem em Lisboa. Dado o curto prazo para a sua apresentação e como se verificou que a vontade destes trabalhadores era a de não cumprirem aquela instrução, o SBN convocou uma greve dos trabalhadores do ex-Finibanco dos Edifícios da Rua Júlio Dinis no Porto, para o dia 29 de Setembro, para deste modo possibilitar a sua ida a Lisboa e

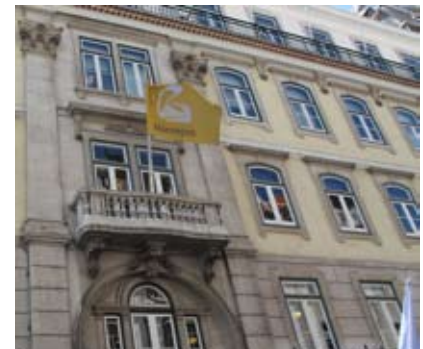
participarem na concentração/manifestação em frente da sede do MG.

O Sindicato dos Bancários do Centro, assim como a Febase, decidiram associar-se à luta desencadeada pelo SBN como forma de repúdio pela maneira ilegal e ligeira como o MG tratou tão importante questão laboral e deslocou a Lisboa a quase totalidade dos seus Corpos Gerentes.

Nas suas intervenções, junto à sede do MG, quer o Presidente do SBN, quer o Secretário-Geral da UGT, João Proença, apelaram mais uma vez ao bom senso da Administração do MG, recordando-lhes que por detrás de cada trabalhador do MG, que tenta transferir ilegitimamente para Lisboa, existe uma família que deve ser respeitada.

Nas diversas intervenções ficou patente a vontade de os trabalhadores do ex-Finibanco continuarem a trabalhar no Porto, bem como foi ressaltado que esta acção configura um despedimento colectivo e selvagem e, como tal, ilegal.

O MG, como instituição mutualista e financeira, é a maior do país e encontra-se ligada à economia social e representa, na sua actividade, valores como o associativismo, a



solidariedade e o humanismo. Tem como finalidade criar valor para os seus associados e, com os resultados, promover obra social.

Esta atitude da Administração é bem o contrário do que está subjacente aos princípios e valores que deveria defender e que constam da sua génese.

No final da concentração, uma delegação do SBN, constituída pelo seu Presidente Mário Mourão, Teixeira Guimarães e mais dois trabalhadores do MG, foram recebidos pelo Dr. José Almeida Serra, Administrador, tendo aqui sido aberta a porta do diálogo, que nunca até à data tinha acontecido e houve a promessa que as transferências serão negociadas caso a caso. Dir-se-á que as lutas quando justas e bem enquadradas levam sempre a bons resultados.



A Febase Leva privatização do BPN à Assembleia da República

A Direcção do Sindicato dos Bancários do Centro, juntamente com as Direcções do SBSI e SBN e com o alto empenho do Secretário-Geral da UGT, João Proença, têm vindo a desenvolver várias acções no terreno com vista ao acompanhamento do processo de privatização e venda do BPN ao Banco BIC.

Após uma reunião dos sindicatos da FEBASE e da UGT com os Secretários de Estado do Tesouro e Finanças e da Administração Pública, a fim de os dirigentes sindicais tomarem conhecimento das intenções do governo face ao processo de privatização, teve lugar a 8 de Agosto uma reunião com o ministro das Finanças, junto de quem foram colocadas as nossas preocupações sobre o futuro dos trabalhadores do BPN, principalmente no que se refere à manutenção dos seus postos de trabalho e ao Fundo de Pensões.

Os Sindicatos obtiveram do ministro das Finanças o compromisso de que serão sempre chamados às

negociações, como interlocutores, sempre que em cima da mesa estiverem em discussão os postos de trabalho.

A 23 de Agosto a FEBASE reuniu com a Administração do BIC para obter esclarecimentos sobre a política que aquele banco vai implementar relativamente ao futuro dos trabalhadores do BPN que irão integrar o Banco BIC.

A 23 de Setembro uma delegação da FEBASE reuniu com os Grupos Parlamentares do PS, BE, PSD e PCP, com o objectivo de os sensibilizar para a situação dos trabalhadores do BPN.

Como corolário desta actividade, o SBC, na última quinzena de Setembro visitou todos os balcões do BPN da nossa área sindical a fim de sensibilizar os colegas para a necessidade de sindicalização, como a melhor forma de responder a todos os desafios que os trabalhadores vão enfrentar.

O Sindicato dos Bancários do Centro tem vindo a alertar as autoridades que o BPN não foi extinto, mas sim



vendido pelo Estado, através de uma acção de privatização, querendo isto significar que há regras que não podem ser alteradas relativamente à antiguidade dos trabalhadores.

Os sindicatos não se opõem a que o Banco BIC faça acordos de rescisão amigáveis, desde que as indemnizações a pagar aos trabalhadores sejam as que legalmente estão estipuladas, ficando os eventuais trabalhadores a dispensar englobados numa bolsa de emprego, a disponibilizar a outras Instituições de Crédito e mais concretamente à Caixa Geral de Depósitos.



1º Dia Sénior da Febase

A FEBASE decidiu comemorar este ano a festa anual dos reformados, conjuntamente com todos os seus sindicatos. O SBC, naturalmente, aderiu com empenho, tendo como fasquia as suas comemorações que anualmente costuma levar a efeito e que se têm pautado por grande adesão por parte dos nossos associados reformados. O SBC tem correspondido, sempre, com grandes desempenhos, quer do ponto de vista dum criteriosa escolha dos locais onde as comemorações decorrem, quer, do ponto de vista dos almoços que habitualmente constituem o ponto alto deste tipo de confraternizações.

Porém, desta vez, as coisas não correram pelo melhor, tendo acontecido de tudo, pela negativa, o

que ensombrou esta comemoração. Desde a alteração, à última hora, do local do convívio, passando pelas instalações, totalmente inadequadas para este tipo de convívios, culminando no almoço de que ninguém gostou, tudo

aconteceu, negativamente. Esta situação deve levar os dirigentes da FEBASE a fazerem um levantamento e uma correcção do que correu mal e porque correu, sob pena de este encontro, alargado à FEBASE, estar comprometido para o futuro.



O BPI está empenhado em manter o nível de emprego

O Conselho de Administração do Banco BPI, em reunião havida com a FEBASE confirmou que é sua intenção manter os níveis actuais de emprego do banco, muito embora este se encontre, em fase de redimensionamento da sua rede de balcões.

O seu presidente Fernando Ulrich, revelou a sua disponibilidade, para, em sede de negociação colectiva, rever algum clausulado proposto pelos sindicatos, nomeadamente a revisão das cláusulas 140ª, 142ª, 142ª-A e 144.



A UGT quer aumentos salariais e de pensões já em 2012



Os aumentos salariais não podem depender exclusivamente da produtividade

João Proença, na qualidade de Secretário-Geral da UGT, embora reconhecendo as dificuldades decorrentes da actual conjuntura económico-social, quer aumentos salariais para 2012, sem esquecer o salário mínimo e as pensões mínimas.

Defende o Secretário-Geral a aprovação de um referencial para a contratação colectiva, para os sindicatos da UGT, que tem de ter em conta não só a inflação prevista, que neste momento já se situa nos 3%, como os ganhos da produtividade e os ganhos do sector.

A UGT tem uma palavra a dizer sobre o Orçamento do Estado

A UGT quer pronunciar-se sobre a proposta do OE, concretamente sobre as receitas, sobre as despesas e sobre a política fiscal. Ainda em matéria de OE a UGT quer participar na discussão da eventual redução da Taxa Social Única dada a controvérsia que está a gerar na sociedade portuguesa e no sector laboral em particular, aceitando-a apenas num cenário de criação líquida de empregos e numa redução menor para o conjunto de trabalhadores com salários baixos.

A UGT exige a simultaneidade da redução das compensações por despedimento com o Fundo de Compensação

No quadro dos compromissos com a Troika, a UGT exige que o Fundo de Compensação dos despedimentos, integral e exclusivamente financiado pelos empregadores, entre em vigor simultaneamente com a redução dos montantes das compensações em caso de despedimento, para os novos contratos a realizar, repudiando, assim, a intenção manifestada na Comissão de Trabalho de não garantir esta simultaneidade, pondo deste modo em causa a credibilidade do diálogo social e sempre em prejuízo dos trabalhadores. Pela parte da UGT, garantiu João Proença “ Se não houver simultaneidade

haverá o perigo de não haver Fundo “.

A UGT defende como Áreas prioritárias para 2011/2012 a definição de uma estratégia para a competitividade e o emprego e a promoção da negociação colectiva

O combate à fraude e à evasão fiscal, a melhoria do funcionamento da Administração Pública, a eficácia, celeridade e eficiência da Justiça (económica, laboral e tributária), a definição correcta das políticas activas de emprego orientando-as para os problemas dos desempregados e dos trabalhadores, a melhoria da qualidade do emprego através de uma aposta na educação e na qualificação, o reforço das políticas sectoriais visando a modernização das empresas e a inovação e o desenvolvimento de instrumentos de combate à pobreza e exclusão social e às desigualdades sociais, foram algumas das Resoluções do seu último Secretariado Nacional.

O reforço, consolidação e institucionalização da Negociação Colectiva em tempo de crise foi outra Resolução saída do Secretariado, que reconheceu este instrumento como uma ferramenta facilitadora e indispensável das relações colectivas de trabalho ao nível dos sectores económicos e das empresas, proporcionando os equilíbrios necessários, principalmente em clima económico e social de transição ou de instabilidade.



Carta enviada ao Presidente do SBC

Do nosso associado Acácio Augusto Lopes Ferreira, recebemos a carta que seguidamente se transcreve, em comentário à Mensagem do Presidente inserta na Revista de Informação do SBC de ABR/JUN - 2011

Ex.mo Sr.
Carlos Silva
Presidente do SBC
Coimbra

Figueiró do Campo, 01 de Agosto de 2011

Assunto: - “Tempo de Vacas Magras”. Mensagem da página 5 da Revista de Informação nº17, de Abril/Junho 2011

Caro colega,

Com os meus respeitosos cumprimentos, permito-me, por este meio, tecer alguns comentários que a leitura do seu artigo me suscitou:

- Na verdade, estamos em tempo de crise, na certeza, porém, de que não foi o actual governo que a gerou!, pelo que me espanta que o colega, sub repticiamente, o venha acusar, após 4 semanas da sua tomada de posse e, durante as mais de 300 semanas do (dês)governo anterior, nem uma palavra “botou” contra o descalabro que se desenhava no horizonte e que se consubstanciou na actual crise, que por certo nos atirá para a bancarrota (Deus permita que não!).

E eu, que pensava que aquela famosa marca discográfica, de há muitas dezenas de anos – e que já não vejo nas montras, há muitos anos – dizia eu, a “His Master’s Voice” tinha desaparecido! Pura ilusão de óptica, a minha, que sou um ingénuo!

Abusando da sua paciência, permita-me, ainda, dar-lhe conta de uma comparação que perpassou pela minha vida particular: - entrei para o meu emprego bancário no já longínquo 16/09/1959, a ganhar 1.200\$00/mês; passados 12 anos, já casado e pai de 2 filhos, iniciei a construção de uma casa, sem pedir empréstimo à banca e sem ajuda dos meus pais e sogros, que fui habitar em Março/72, sendo que, nessa altura, as minhas economias davam para fazer, ainda, mais duas casas iguais!. Hoje, 39 anos passados – sendo 37 do pós Abril74 – as minhas poupanças não chegariam para construir uma casa igual à que fiz em 71/72!... Pois é! no período de antes de 25 de Abril eu era “empregado” bancário – uma “desonra” no pós 25/A. Depois desta data, passaram a chamar-me “trabalhador”. Nunca estive investido de um lugar de chefia!

Em conversas informais com muitos colegas chegamos à conclusão que o 25A foi feito “à medida” contra os bancários e... você, o que pensa?!...

Por hoje é tudo. Espero – na verdade, não espero! – que esta seja publicada no próximo número da nossa Revista, no local próprio.

Sem outro motivo, de momento, renovo os meus cumprimentos e me subscrevo.

(a) Acácio Augusto Lopes Ferreira
Rua da Igreja, 13
3130-040 Figueiró do Campo
Sócio nº4022

Dada a grande importância político-sindical de que se reveste a decisão tomada pelo SBC, por proposta do Conselho de Gerência dos SAMS/Centro, relativamente à nova política de aquisição de medicamentos, reproduzimos o comunicado emitido pela Direcção/Conselho de Gerência SAMS, muito embora ele já tenha sido remetido para todos os associados.



COMPARTICIPAÇÃO DE MEDICAMENTOS EM 100%

A Direcção do Sindicato dos Bancários do Centro acolheu uma proposta unânime do Conselho de Gerência dos SAMS/SBC-CENTRO que determina que, **a partir do corrente mês de Outubro, a comparticipação de medicamentos é efetuada a 100% sobre o preço de referência do genérico e em 100% do valor de PVP, no caso da não existência de genérico.**

O impacto desta medida na sustentabilidade e consolidação orçamental dos SAMS/CENTRO foi devidamente avaliada e sopesada, cabendo ao Conselho de Gerência a responsabilidade de implementar esta sua decisão, com base na sua autonomia estatutária e regulamentar.

Foi com sentido de grande solidariedade e compreensão que a Direcção do nosso Sindicato recebeu e acolheu esta decisão, pois os seus pressupostos radicam em princípios da mais elementar Justiça Social e equilíbrio financeiro, já que é nos momentos difíceis que os associados mais precisam dos seus SAMS e do seu Sindicato e destes esperam um sinal claro de solidariedade.

Perante a grave crise que o País atravessa, sentida por todos os portugueses, mas de forma mais vivenciada pelos grupos de maior risco, onde se incluem os idosos e os jovens, esta decisão vem demonstrar à sociedade um dos maiores bens do nosso património sindical comum - o respeito e compreensão pelos que mais precisam em momentos de grave crise que atravessamos.

Na expectativa que todos os nossos Associados compreendam e aceitem esta medida excepcional com um sentido crítico, mas solidário, resta-nos aguardar que este esforço financeiro dos SAMS/SBC-CENTRO venha mitigar as dificuldades de todos aqueles e aquelas a quem a Saúde vai pregando partidas, e necessitam de um amparo forte e sensível.

Com os Votos de Boa e Melhor Saúde para Toda a Família BANCÁRIA.

Coimbra, 30 de Setembro de 2011

Sindicatos europeus protestam contra a austeridade

A Confederação Europeia de Sindicatos (CES) e as centrais sindicais polacas Solidarnosc, OPZZ e restantes organizações sindicais, realizaram no passado dia 17.09.2011 uma manifestação na cidade polaca de Wroclaw.

O protesto teve como principal objectivo a mobilização do movimento sindical europeu em defesa dos direitos laborais, da negociação colectiva e do emprego, contra as medidas de austeridade.

Esta manifestação coincidiu com a reunião dos ministros das Finanças da Zona Euro (Ecofin) e o Banco Central Europeu (BCE), na mesma cidade, para analisar a crise económica e a situação financeira da UE.

Os trabalhadores europeus quiseram demonstrar aos líderes financeiros que é necessária uma mudança das políticas europeias e uma nova governação económica, baseada na solidariedade e no emprego.

A UGT juntou-se ao protesto com uma delegação dezasseis dirigentes.



2º Congresso da UGT - Brasil

Em representação da UGT de Portugal, os Presidentes do SBC e do SBSI, Carlos Silva e Rui Riso respetivamente, participaram no 2º Congresso da UGT-Brasil, que decorreu na cidade de São Paulo, no pretérito mês de Julho.

Com mais de 3000 delegados oriundos de todas as províncias brasileiras e com convidados de todos os países da América Latina, Espanha e Portugal, este Congresso foi subordinado ao tema do reforço da Unidade dos trabalhadores face à crise global.

Contou ainda com a presença do ex-Presidente do Brasil, Lula da Silva, que se dirigiu aos Congressistas num ambiente de grande entusiasmo, enaltecendo as virtudes do sindicalismo e da força dos sindicatos na conjuntura nacional e internacional que vivenciamos.

O seu próprio percurso e experiência política foi um dos leit-motiv da sua participação especial neste evento de grandes dimensões, em que a palavra UNIDADE foi a mais ouvida e sentida durante os três dias do Congresso.



O Presidente do SBC participou, em representação do Secretário-Geral da UGT de Portugal, João Proença, num Seminário Internacional que antecedeu a abertura do Congresso, juntamente com várias figuras do sindicalismo e da política brasileiras, em que se destacou o Ministro da Juventude e Desportos (face às próximas edições do Campeonato do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, que decorrerão no Brasil) e outros ilustres oradores, subordinado ao tema: “A Crise financeira internacional e a Criação de Empregos” onde Carlos Silva teve oportunidade de dar a conhecer a situação de Portugal e Espanha na actual conjuntura.

3ª Conferência da UNI-EUROPA

Entre 3 e 6 de Outubro de 2011 teve lugar, em Toulouse, a 3ª Conferência da UNI-EUROPA, que decorreu sob o signo e tema “UNIDADE-VISÃO-ACÇÃO”.

Juntando mais de 700 sindicalistas europeus, entre os quais dois representantes do SBC, Carlos Silva e Aníbal Ribeiro, a crise internacional foi o tema dominante dos debates e das dezenas de intervenções produzidas durante os 3 dias do evento.

De registar que a primeira intervenção dos Congressistas foi reservada ao Presidente do sindicato dos bancários grego OTOE, Stavros Koukos, que aludiu às gravíssimas medidas de austeridade impostas pela troika aos trabalhadores gregos, em que se inclui o completo bloqueio da negociação coletiva, para além da pesada carga fiscal já em vigor.

A diferença dos discursos só se registou ao nível das línguas nativas de cada participante, porque, no fim de contas, o sentimento e as denúncias versaram todas no mesmo eixo - a redução das políticas sociais incrementadas no modelo social europeu, o ataque à segurança social pública pelas políticas ultra-liberais dos vários governos europeus, a necessidade de um entrosamento dos sindicatos europeus, ao nível transnacional, que não se tem verificado de forma coordenada e eficaz.

O eixo Paris-Berlim e as medidas impostas pela Alemanha, como contrapartida para a sua disponibilidade em conceder ajuda ao governo grego, mereceram críticas contundentes de muitos sindicalistas, mesmo dos alemães do poderoso sindicato Ver.Di. que detém nesta data a Presidência e o Secretário Regional da UNI-Europa.



Perante tantos ataques às políticas sociais, foram aprovados vários documentos, a maior parte deles por unanimidade, reclamando maior intervenção da UNI e da CES na reivindicação de mais Unidade e Acção Sindicais na implementação da estratégia (Visão) sindical que permita inverter este estado de coisas, que põe em risco um modelo de Europa que conhecemos, baseada nos pressupostos da solidariedade e do respeito mútuo pelas soberanias de cada Estado.

Os sindicatos franceses aproveitaram esta Conferência para promoverem uma homenagem ao grande estadista francês do final do sec- XIX e inícios do sec. XX Jean Jaurès, figura emblemática do socialismo francês, assassinado em 31 de Julho de 1914, apenas três dias antes do deflagrar da I Grande Guerra, ele que é hoje intitulado de Apóstolo da Paz e mereceu honras de enterramento no Pantheon de França.



O SBC continua a sua aposta na Formação

O desenvolvimento e a formação profissional, atentas as profundas alterações tecnológicas e sociais que se têm verificado no mundo, sobretudo nas últimas décadas, têm sido bem interpretadas e desenvolvidas pelo Sector de Formação do SBC que não tem tido mãos a medir na quantidade de acções de formação, em muitas localidades da nossa área sindical, direccionadas para os nossos sócios.

O sector dos reformados, principalmente os que ficaram nessa

situação há mais tempo, são aqueles que sentem mais dificuldades em atingir e aperfeiçoar as ferramentas informáticas, pelo que, atento a essa realidade o SBC levou a efeito mais um curso de Excel-Nível II (prático), que decorreu de 13 de Setembro a 7 de Outubro, em Leiria. Frequentado por muitos colegas, todos foram unânimes em ressaltar a importância que estas acções têm na sua vida quotidiana.

Ainda neste âmbito, entre 14 de Outubro e 4 de Novembro, vai ter



lugar em Caldas da Rainha, na sala de formação do SBC, um curso de Internet-Iniciação, que conta já com bastantes colegas inscritos.

Lourenço Almeida Azevedo

Um espaço digno e aprazível de formação, convívio e lazer

Um espaço digno e aprazível de formação, convívio e lazer. De finais de 1974 a abril 1984, foi a sede do SBC. Mais tarde e até hoje mantêm-se ali diversas estruturas de apoio viradas para as actividades sócio-culturais dos nossos associados, onde pontuam os encontros gastronómicos promovidos na maior parte das vezes por grupos de reformados, afectos aos balcões das diversas instituições bancárias onde trabalharam.

Sempre que se justificam, são organizados convívios pela Direcção, pelo Departamento dos Tempos Livres e pelo Secretariado Regional, em datas assinaláveis.

Em boa hora e desde outubro de 2005, foi criada a escola de pintura dos bancários, sendo ali ministradas

as suas aulas num trabalho digno de realçar.

Também as mais diversas acções de formação são ali realizadas, em sala devidamente equipada para o efeito.

Igualmente a comissão sindical de reformados está ali sedeada.

Quanto aos encontros gastronómicos, que na maior parte das vezes acontecem ao almoço, eles procuram



pretende usufruir bons momentos de relaxamento.

Talvez por desconhecimento, grande parte dos associados não acorrem aqui e portanto nem todos usufruem desta valência, quando o podem fazer nas mais diversas situações: aniversários, tertúlias, exposições, lazer, etc..

É por via disso e para lembrar que aquele espaço é de todos nós e como tal deve e pode ser utilizado, que aqui deixamos este repto. Assim sendo, vai uma partidinha de sueca?



corresponder às exigências de quem os organiza, uma vez que as ementas são previamente escolhidas.

E, se no exterior o terraço e o espaço ajardinado são particularmente aprazíveis, o do interior é de grande conforto, onde as salas de jogos e bar aberto e outra adaptada a biblioteca, são a resposta para quem

Contactos: Tel.: 239 852 340
Fax 239 852 349 - Telm.: 917887671

Os SAMS, Serviços de Assistência Médico-Social do Sindicato dos Bancários do Centro, como organização privada de saúde integrada e dotada de autonomia administrativa e financeira, tem como objectivo primeiro assegurar aos seus beneficiários a protecção e assistência na doença e, nesta óptica, tem vindo a desenvolver e a melhorar as condições assistenciais aos seus beneficiários, ao ponto de podermos afirmar que, hoje por hoje, os nossos SAMS constituem um dos principais sub-sistemas de saúde existentes em Portugal.

O Conselho de Gerência dos SAMS e a Direcção do SBC decidiram implementar um novo método de comparticipação e **oferecer aos seus associados e familiares a possibilidade de verem os seus medicamentos comparticipados em 100% sobre o preço de referência em medicamentos genéricos**

e igualmente, uma comparticipação de 100% do preço de venda ao público do medicamento de marca, sempre que não exista genérico.

Estas medidas têm um carácter excepcional e inserem-se numa política de minimização de custos da saúde para os nossos associados, numa altura em todos nós bancários começamos a sentir um agravamento das condições de vida, nomeadamente com o congelamento salarial em 2011.

Assim, se o nosso associado ou familiar for portador de uma prescrição de medicamentos em que o médico não inviabilize a compra de genéricos, deve solicitar junto da sua farmácia o genérico mais barato, isto é, aquele genérico cujo preço de venda ao público se situe mais perto do preço de referência, para assim não existir qualquer encargo na sua aquisição.



INFORMAÇÃO

Os SAMS (Serviços de Assistência Médico-Social) do Sindicato Bancários do Centro vai implementar, a partir de Outubro 2011, as seguintes medidas:

- Comparticipação em 100% sobre o preço de referência em medicamentos genéricos.
- Comparticipação em 100% do PVP de medicamentos de marca, desde que não exista genérico.

Estas medidas de carácter excepcional, procuram minimizar os custos com a saúde dos nossos sócios.

Devem os colegas, no seu próprio interesse, dialogar com o seu médico assistente no sentido de que sejam prescritos este tipo de medicamentos (genérico preço de referência), assim como solicitar na farmácia o seu fornecimento, para não haver qualquer encargo para o sócio.

Coimbra, 30 de Setembro de 2011

O Conselho de Gerência dos SAMS/Centro

Também a partir de Outubro o Conselho de Gerência dos SAMS decidiu implementar *nas nossas Lojas de Óptica uma nova política comercial para ortóteses oculares e lentes, altamente favorável aos nossos associados*. O Conselho de Gerência pede que não procedam à aquisição de quaisquer óculos noutros locais, *sem que antes solicitem orçamentos nas nossas Lojas para constatarem que o seu encargo na aquisição é residual e quase não conta no seu orçamento familiar*.



I Passeio em BTT - Serra da Lousã

Marcado pelo bom tempo para a prática da modalidade, decorreu em 17 de Setembro último o Primeiro Passeio em BTT à Serra da Lousã, uma elevação com 1205 metros de altitude cujo ponto mais alto é Trevim, entrando pelos concelhos Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Góis, Lousã e Miranda do Corvo.

Este passeio decorreu sob a organização da Secção Regional de Coimbra e teve o apoio do Departamento dos Tempos Livres do SBC.

Com as suas máquinas prontas para esta aventura, compareceram no local previamente combinado, o Campo de Rugby da Lousã, dezasseis participantes.



A organização levou os participantes até ao ponto de partida.

O percurso, com cerca de vinte e cinco quilómetros, levou a caravana por caminhos de terra batida, tendo sido visitadas algumas aldeias situadas em plena serra, nomeadamente o Talasnal e Vaqueirinho. Pelas 13,30h, chegados ao Terreiro das Bruxas, um local muito aprazível, teve lugar um excelente almoço que ajudou a retemperar as forças.

Findo o respasto, os participantes montaram de novo as suas máquinas e eis-los a rumarem até ao ponto de partida, onde terminou a aventura. Foi opinião generalizada que este passeio foi um excelente evento passando logo a ideia de o repetir numa próxima oportunidade. Desta feita os parabéns vão direitinhos à organização do evento.



Convívio de Sueca do Secretariado Regional de Leiria

Caros Colegas, o Secretariado Regional de Leiria do Sindicato dos Bancários do Centro, vão levar a cabo a realização de um **Convívio de Sueca**, que terá lugar nas instalações do Secretariado, à rua Dr. José Henriques Varela, nr. 27- 1º, e será realizado no dia 5 de Novembro próximo, pelas 15 h. No final, haverá um jantar comemorativo onde serão entregues lembranças a todos os participantes.



O valor das inscrições é de 10,00 Euros, devendo estas dar entrada no Secretariado Regional de Leiria até ao dia 28 de Outubro.

Para quaisquer esclarecimentos podem contactar Pedro Veiga (Secretário Coordenador) através do tlm 914298597.



Registe os seus Tempos Livres

O nosso associado Joaquim da Silva Santos, respondeu ao apelo/desafio que lançámos no último número da nossa revista e dá-nos a conhecer os dez maravilhosos dias que diz ter vivido, durante um cruzeiro pelo Báltico. Possibilita-nos ainda a consulta ao seu facebook onde um imenso rol de fotografias e a descrição pormenorizada da viagem é bem elucidativa dessa sua experiência que agora partilha connosco. Reproduzimos a ficha que elaborou e que irá fazer parte do espólio da nossa biblioteca.



Ficha de Recolha

Assunto: Cruzeiro no Báltico

Interlocutor(es) (identificação o mais exaustiva possível): Cruzeiro organizado pelo CCD da Segurança Social.

Material recolhido: Fotos na página de Facebook e no Google de Joaquim de Sousa Santos.

Descrição da recolha: Esta viagem começou em coimbra. Viajámos de autocarro até a madrid onde apanhámos um avião até copenhagen. Começo do cruzeiro no báltico. Durante a noite, a viagem decorreu até warnemunde na alemanha. De lá e em excursão fomos a berlin, onde visitámos importantes monumentos. Pela tarde rumámos a caminho de estocolmo e no dia seguinte, logo pela manhã, chegámos a tallinn cidade medieval muralhada. Por volta das 18 horas zarpámos em direcção a san petersburg onde chegámos pela manhã às 8 horas, onde ficámos 2 dias. Cerca das 17 horas deixámo-la a "caminho" de helsinkiua, dirigimo-nos a porvoo, segunda cidade mais antiga da finlandia.

Local(ais) da(s) recolha(s): Madrid, Copenhagen, Rostok, Berlin, Warnemunde, Estaline/Sanpetersburgo, Helsinkiua e o mar Báltico...

Mais dados sobre este assunto, podem ser encontrados em: _____

Material que anexa à ficha: cinco fotos

Recolha efetuada por: (identificação do(s) interveniente(s)) Joaquim da Silva Santos, Sócio do SBC n. 2489

Data: 21 / 09 / 2011

Assinatura

A agricultura está na moda *

O título pretende ser apelativo para que o artigo seja lido, essa é a verdade. Daí ir direito ao assunto:

Numa viagem que fiz a Tavira, visitei a biblioteca municipal e de entre a muita informação do que por ali existia, chamou-me a atenção um panfleto escrito em português e inglês encimado com a sigla *PROVE*, e por baixo a explicação do que a mesma significa: *PROVE* - Promover e Vender. Logo a seguir é especificado o projecto, que consta por um lado em reunir pequenos produtores para melhorar o escoamento das suas produções e por outro sensibilizar e informar os consumidores para as vantagens de consumir produtos frescos, oriundos de hortas próximas da sua área de residência.

Para o efeito, especifica o dito panfleto, são elaborados cabazes com produtos para a base de sopas, diversos legumes para acompanhamento, saladas, frutas e aromáticas. Há cabazes para diversos preços que podem ser entregues em casa ou levantados em locais e dias designados, em função das encomendas prévias.

Ao que apurámos esta iniciativa tem sido um êxito, até porque contou com o apoio de diversas entidades oficiais.

Também em Coimbra, no Jardim Botânico, é possível assistir todos os sábados à venda de produtos da terra, produzidos e cultivados por pessoas que garantem a sua qualidade e proveniência. Por detrás está uma associação que entre outros conta com o apoio da universidade no tocante à cedência do espaço.

Temos eco, que iniciativas semelhantes estão a acontecer em muitas outras localidades do país a exemplo mesmo do que acontece lá fora.

Então lembrei-me do grande número de colegas, grande parte deles reformados, que mantêm uma ligação directa à agricultura e que ao fazê-lo, ainda que em pequena escala, ou mesmo só para consumo familiar, não deixam de ter excedentes, que acabam por se perder, já que nem sempre há onde e como os escoar.

Daí que as ideias do projecto que aqui reproduzo, me



suscitassem a lembrança de nós bancários, virmos a criar um movimento desta ordem com uma possível engrenagem deste tipo:

Os colegas interessados em colocar os seus produtos, hortícolas, frutícolas, legumes, flores, mel, ovos e outros a equacionar, davam-nos a conhecer a sua disponibilidade em participar nesta acção enquanto produtores, e referenciavam-nos “grosso modo” o que poderiam apresentar e quando. Por sua vez a organização estabelecia contactos com outros colegas e seus familiares - potenciais compradores - dando a conhecer a iniciativa.

Numa primeira reunião seria encontrada a periodicidade, a forma dos produtos chegarem aos interessados, eventuais custos e garantias assumidas quanto à sua qualidade e local, ou locais de recepção e entrega. Escolheríamos Coimbra para ensaiar a viabilidade do projecto e depois estendê-lo-íamos a outros espaços, de acordo com as sugestões que nos chegassem.

É evidente que tudo isto vai exigir algum voluntariado e mesmo apoio administrativo, mas estamos certos que o nosso sindicato a quem chamaremos a apadrinhar esta iniciativa, não nos irá regatear a sua ajuda.

Assim sendo, aceitamos sugestões e desafios.



** Veja-se as hortas que com tanto sucesso estão a ser criadas em Lisboa, a horta comunitária de Castelo Viegas e tantas outras que já existem por esse Portugal fora, numa dinâmica de ligar as pessoas à terra, projecto desde há muito defendido pelo Arquitecto Ribeiro Teles.*

A. Castelo Branco

Dizeres e Saberes



De Maria Alexandrina Cavaleiro, chegamos a obra intitulada *Dizeres e Saberes ... expressões populares*, numa edição da autora e cuja distribuição está a cargo da Casa Vértices, Editora Lda na Guarda.

Trata-se de um trabalho de recolha na área do património linguístico, onde as expressões idiomáticas, frases feitas ou lugares comuns, que encontramos em quase todos os idiomas, como ela própria refere, estão bem patentes na nossa cultura. Parafraseando José Saramago como fez a escritora, *Quem das palavras tem experiência, sabe que delas se deve esperar tudo.*

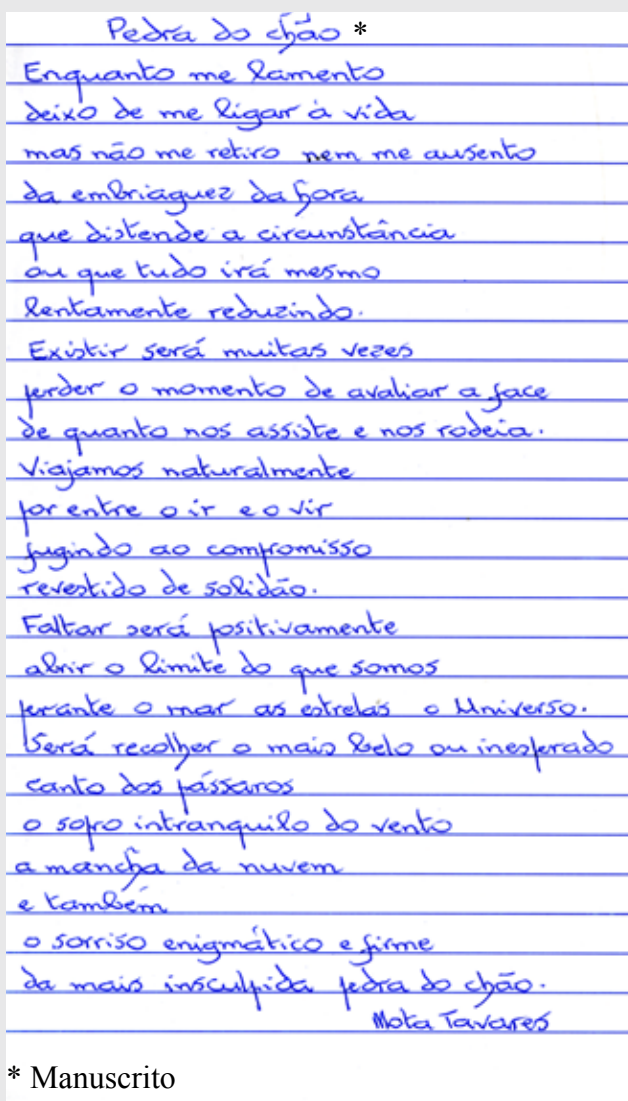
Terá sido a partir daí que o trabalho apareceu, fruto de uma análise estudada e bem cuidada destas ditas expressões populares, a que se seguiu a análise e explicação dos seus conteúdos, acabando por deliciar quem dele possa usufruir no dia a dia, ou à noite se o tiver na mesinha de cabeceira.

Maria Alexandrina é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, foi professora e é esposa do nosso associado Manuel Gonçalves Cavaleiro.

Respondeu ao apelo que lançámos no último número desta revista acerca da criação de uma rubrica na nossa biblioteca, sobre Etnografia e Cultura Popular e este seu livro é desde já um contributo valioso que registamos com agrado.



Paulino Mota Tavares



* Manuscrito

*A divindade não se mantém afastada de um logro justo.
 Há momentos em que a divindade respeita o momento oportuno de dizer mentiras.
 Ésquilo*



Viseu e as acessibilidades Os comboios que já não circulam!

Agostinho Torres de Almeida

“ Em 1994, com a demolição da Estação dos Caminhos-de-ferro... No local ocupado por aquele edifício foi construída uma rotunda, com uma fonte cibernética, que embeleza o espaço. Dos equipamentos existentes resta o depósito da água. [...]”

Em 1994, com a demolição da Estação dos Caminhos-de-ferro, *ponto de encontro*, comum, das vias férreas designadas por Vale do Vouga e Ramal do Dão, encerrou-se um importante ciclo das acessibilidades ferroviárias de Viseu, que, durante décadas, transportaram passageiros e mercadorias de e para a cidade de Viriato, servindo a vida económica da região. No local ocupado por aquele edifício foi construída uma rotunda, com uma fonte cibernética, que embeleza o espaço. Dos equipamentos existentes resta o depósito da água.

A primeira via-férrea a funcionar foi o Ramal do Dão, em 25 de Novembro de 1890. Começou a ser planeado em 1876, mas apenas em 1883 foi autorizada a construção, passando a estabelecer a ligação, ainda que vagarosa, à linha principal, a da Beira Alta, em Santa Comba Dão. Quem pretendia deslocar-se para o Sul de Viseu, nomeadamente para Coimbra, Figueira da Foz e Lisboa, utilizava o Ramal do Dão. As mercadorias eram despachadas em grande e pequena velocidade, conforme eram utilizados comboios exclusivamente de mercadorias ou mistos, respetivamente. Fatores económicos, perda de rendibilidade, determinaram o seu encerramento em 28 de Setembro de 1988. Perdeu-se um *serviço importante*, tão caro aos viseenses.

Entretanto, ao longo de todo o percurso, os carris e as travessas foram levantados e os edifícios, que serviram de estações, foram *ocupados* para serem utilizados com diversas finalidades, como sucede em Figueiró, onde o imóvel foi requalificado para ali ser instalada a Junta de Freguesia. A Câmara Municipal tomou a iniciativa de *ocupar* o percurso entre Vildemoínhos e Figueiró para construir um espaço pedonal (as *caminhadas* estão na ordem do dia) e, mais tarde, denominado de ciclovia.

O êxito alcançado mobilizou as Câmaras servidas pelo, outrora, Ramal do Dão, para a construção, em todo o



percurso, da “Ecopista do Dão”, inaugurada, a preceito, em 2 de Julho de 2011, pelos Presidentes das Câmaras de Viseu, Tondela e Santa Comba Dão e por milhares de participantes, apeados ou em bicicletas, *mexendo-se*, pela sua saúde, quiçá, o principal objetivo da transformação do percurso, aqui e além, equipado com o denominado mobiliário urbano.

A linha do Vale do Vouga, que, durante décadas, estabeleceu a ligação entre Viseu e Espinho (praia) e que, com o ramal da Sernada a Aveiro, tinha uma extensão de cento e setenta e cinco quilómetros, começou a ser utilizada em 1914, com a construção do *troço* Vouzela-Bodiosa. No ano anterior, haviam sido concluídos os *percursos* que ligaram a Sernada a Vouzela e Bodiosa a Viseu.

Para além do transporte de mercadorias e passageiros, o Vale do Vouga constituiu um forte *elo* de ligação das gentes de Viseu e Lafões (S. Pedro do Sul, Vouzela a Oliveira de Frades), sobretudo, com as de Aveiro e Espinho. Desde muito jovem que comecei a frequentar a praia de Espinho, à qual me afeiçoei fortemente. Posso dar o testemunho de que, em Agosto, haveria meia dúzia de famílias que frequentavam a Rainha da Costa Verde. Porém, em Setembro, quando as aulas, então, se iniciavam a sete de Outubro, verificava-se uma autêntica *invasão* de pessoas provenientes da nossa região que utilizavam o comboio do Vale do Vouga, o *Vouguinha*, como, carinhosamente, era designado, para irem fazer praia e colher os benefícios do iodo que já havia sido recomendado ao Bispo Alves Martins, da Diocese de Viseu, em 1870, quando iniciou a frequência da praia de Espinho.

A linha do Vale do Vouga aliava à sua inquestionável utilidade, um encantador percurso, com muitas curvas, que *serpenteavam* o rio que lhe deu o nome (antes da via férrea servia para o transporte fluvial de mercadorias) de Viseu até à Sernada e Aveiro, por entre encostas, a montante, ora abruptas e latas ou mais planas, e, para jusante, onde já *pontificava* a planície, com a proximidade do litoral, atravessava algumas pontes consideradas verdadeiras obras de arte, como as de Vouzela e Poço de Santiago, construída em alvenaria.

Porém, em 1970, o Vale do Vouga foi, temporariamente, encerrado, por, alegadamente, as máquinas a vapor terem provocado enormes incêndios em Águeda e Albergaria-a-Velha. Passaram a chamar-lhe o “Bota-Fogo”. Um pouco mais tarde, a linha foi reaberta com a circulação de automotoras.

Também a pouca rendibilidade haveria de *pesar* no encerramento, verificado em 1 de Janeiro de 1990, do *troço* Viseu-Sernada mantendo-se, ainda hoje, a circulação entre Espinho-Sernada-Aveiro. Numa viagem, de saudade, que efetuei, recentemente, entre Espinho e Oliveira de Azeméis, verifiquei, com mágoa, o estado atual de degradação das estações e jardins que as circundam, outrora, bem floridos, muito bonitos e atrativos.

À semelhança do que sucedeu com o Ramal do Dão, também foram levantadas as travessas e os carris e constituídas algumas zonas pedonais, como a que liga Vouzela às Termas de S. Pedro do Sul. Aos edifícios das estações foram dadas as mais diversas utilizações, como, em Vouzela, que serve de estação de camionagem (ainda *pontifica*, altaneiro, o depósito da água e, no início da ponte, está *estacionada* uma máquina a vapor, como memória); em S. Pedro do Sul o edifício pertence ao município que ali *instalou* atividades ligadas ao artesanato e doçaria; em Oliveira de Frades, o imóvel foi *deslocado*, dentro da própria Vila, para servir de Arquivo à Autarquia.

Esta é um pouco da história de duas vias férreas que serviram, com proveito, a cidade de Viseu e a Região, emprestando-lhe utilidade, movimento e vida, hoje *transferidos* para a circulação ligeira e pesada, de

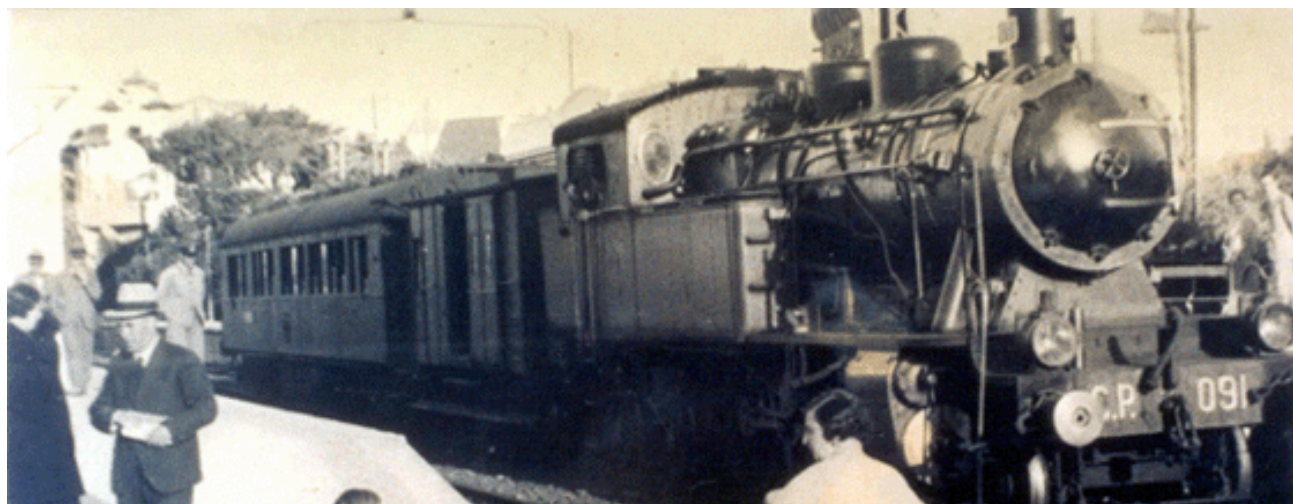
automóveis e caminhetas, que circulam nas rodovias.

A realidade, lamentável, é que Viseu era, até à crise registada na Grécia, a única cidade, à sua dimensão, sem via-ferrea!... Agora, é a segunda, após o encerramento de uma ferrovia grega que *isolou* uma cidade algo maior do que Viseu!

Os milhares de pessoas que utilizavam aqueles comboios, das linhas que serviram a Região de Viseu, deslocam-se agora na A-25, de Aveiro a Vilar Formoso, que sucedeu ao IP-5, de má memória, devido à elevada sinistralidade, como acontece, em elevado grau, no IP-3, de Viseu até Coimbra, com a inclusão de alguns quilómetros da A-1. Neste caso, a projetada autoestrada (Viseu-Coimbra) foi apresentada em Mortágua, com pompa e circunstância, há alguns anos, mas sem consequências práticas! A acessibilidade rodoviária que iria substituir continua a registar elevada taxa de sinistralidade, o que irá continuar a suceder por razões de índole financeira! Parece que algum anátema se abateu sobre a cidade, porque, também, uma projetada ligação ferroviária de Viseu a Mangualde, para acesso à linha da Beira Alta, com terrenos *reservados* para a sua implementação e verbas orçamentadas, em sucessivos governos, para estudos de impacto ambiental, foram sendo reduzidas até à sua extinção, sendo indicada uma alternativa, a construir, o TGV (!) entre Aveiro e Vilar Formoso, com passagem por Viseu, que, certamente, será para *cumprir* daqui a meio século!

Viseu, sem ser uma cidade *isolada*, longe disso, tem sido uma capital de Distrito imensamente prejudicada por interesses muito discutíveis e visões *torpes*, que comissões bairristas e com sentido da realidade não conseguiram ultrapassar ou demover.

Recente exposição, sobre as duas vias férreas extintas de forma não devidamente ponderada, que decorreu na antiga estação de Figueiró, revelou, aos mais novos, uma realidade que não viveram e, aos mais avançados na idade, serviu de recordação dos tempos em que Viseu se ufanava de possuir bons meios de comunicação, como os que teve, séculos atrás, com as estradas romanas e, agora, com o *reposto* caminho de Santiago de Compostela, por iniciativa da atual edilidade, em conjugação com outros municípios.





Artigo 08 - Centenário da Implantação da República (1910-2010) Numária: O Papel-moeda 1910 – 2010

Cinco Escudos

Luís Manuel Tudella

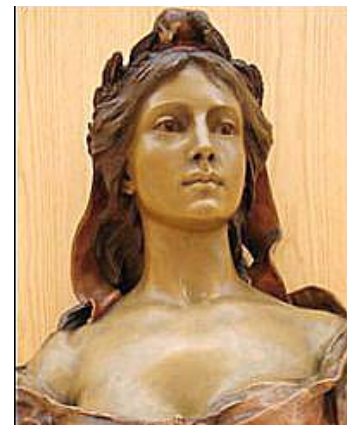
l.m.tudella@sapo.pt

Esta nota de Cinco Escudos foi elaborada sem possuir na parte da frente qualquer figura da nossa história, monumento, ou outro elemento relevante, ao contrário das outras; no entanto estão representadas duas figuras alegóricas, ambas relacionadas com a agricultura. No verso está representada uma gravura com a vista do Palácio da Bolsa do Porto.

Características: As chapas e estampagens destas notas estiveram a cargo da casa Bradbury, Wilkinson & Co. Ltd. de Londres. Na parte da frente apresenta-nos duas figuras alegóricas e os demais componentes a verde-escuro são estampados calcográficamente; o fundo é policromado em íris em duplex. O verso da nota tem uma estampagem calcográfica a azul-escuro, em fundo irisado; ao centro apresenta-nos uma gravura com a vista do Palácio da Bolsa do Porto, da autoria do gravador do Banco de Portugal Armando Pedroso. O papel é do fabrico dos papelheiros franceses Société Anonyme des Papeteries du Marais et de Sainte-Marie, tem como marca de água, uma cabeça alegórica no canto superior direito. A dimensão da nota é de 147x96 mm. Desconhece-se a quantidade de notas emitidas.

Entendeu o Banco de Portugal depois de ouvir o Conselho de Administração, proceder à destruição destas notas, alegando que existiam cerca de 12 000 000 de igual valor, cuja circulação ainda não tinha sido autorizada, não podendo esta nota ser colocada no circuito, devido essencialmente ao seu aspecto, acabamento e tonalidades muito más; em suma, notas de fraca qualidade. Estas notas eram datadas de 10-11-1924.

O Palácio da Bolsa, ou o Palácio da Associação Comercial do Porto, fica situado na zona nobre da cidade do Porto.



O início da sua construção é datado de Outubro de 1842, ficando concluído, após 80 anos, já em pleno século XX, no ano de 1909. Ao longo da sua construção teve como responsáveis, 4 arquitectos principais, dezenas de mestres dos mais diversos ofícios. O Palácio caracteriza-se por uma mistura de estilos arquitectónicos, apresentando todo o edifício no seu esplendor, traços do neoclássico oitocentista e arquitectura toscana. De destacar entre os diversos salões que o compõe o Salão Árabe, pelos estuques do século XIX, legendados a ouro com os caracteres arábicos que se espelham nas paredes e no tecto.

É este o salão nobre por excelência das altas individualidades que visitam “A Invicta”, “A Sempre Leal e Nobre Cidade do Porto”.

Obra consultada – “O papel-moeda em Portugal” – Banco de Portugal. Trechos avulsos.

Óbidos, 30 de Junho de 2009.



Recordatório Rainha Santa Isabel - Alfredo Bastos



Alfredo Bastos, bancário na reforma, ex-dirigente sindical e membro dos Corpos Gerentes do SBC entre 1990 e 1997, autodidacta, escritor, cultor da história e da tradição coimbrã, como ele próprio se intitula, encontra desde Abril passado o seu nome ligado a um núcleo museológico da Rainha Santa, como doador de um rico acervo documental e que serve de base àquele núcleo.

Aquando da inauguração daquele Núcleo Museológico que teve lugar no passado dia 28 de Abril, estiveram presentes variadas figuras ligadas à cidade, nomeadamente o Presidente da Câmara, a Vereadora da Cultura, o Presidente do Turismo, o Presidente da Junta de Freguesia de Santa Clara, os seus amigos

Doutores Carlos Encarnação e Mário Nunes, bem como muitos outros amigos e familiares. O referido núcleo encontra-se instalado na antiga Escola Primária, situada entre o Convento de Santa Clara-a-Velha e o Portugal dos Pequenitos e abrange duas salas, onde se destacam imagens de santeiros, os mais diversos documentos, tais como livros, brochuras, revistas centenárias, para além de inúmeros programas das festas da Padroeira, com referência, entre outras, às de 1938, 1950, 1956 e por aí adiante até aos nossos dias. Ainda lá podemos encontrar ex-votos e registos de promessas, medalhas, gravuras, selos, postais, fotografias, jornais e todo o tipo de pagelas, num manancial que o autor calcula



em cerca de três mil, que começou a compilar desde os seus dezasseis anos, fazendo idênticas recolhas sobre Santo António e cujo espólio igualmente doou, com vista à criação de um centro de estudos nos Olivais, Coimbra.





Pelo S. Martinho, Castanhas e Vinho

A. Castelo Branco

O S. Martinho comemora-se a 11 de Novembro, segundo o calendário litúrgico, por ter sido nessa data que aquele santo foi sepultado em Tours, na França, no ano de 397.

A sua vida está envolta em milhares de lendas e milagres, pois parece que em seu redor as coisas corriam sempre pelo melhor, eram mais belas e mais cheias de inspiração: o mal transformava-se em bem, as pessoas tinham visões maravilhosas, a própria natureza tornava-se espelho de vontade do Santo.

Os que não acreditam nestas coisas costumam cantar: *era o vinho meu Deus era o vinho, era o vinho que eu mais adorava...*, mas isso é lá com eles!

Quanto a falar-se no Verão de S. Martinho, tal terá a ver com o episódio milagroso das plantas e das árvores terem vegetado e florido e dos pássaros terem cantado, na altura em que o seu corpo era trasladado de barco para Tours.

Verão de S. Martinho são três dias e mais um bocadinho

A partilha da sua capa com um pedinte que encontrou cheio de frio e que se viria a revelar ser Cristo, é outro episódio conhecido deste santo, o mais popular de França, que entretanto se tornou o patrono dos pedintes, dos alfaiates, dos restaurantes e hotéis, dos soldados e até dos alcoólicos reformados! Também se diz, que o sol que sempre aparece pelo S. Martinho tem a ver com a recompensa a quem lhe deu a tal metade da capa, para que a partir dessa dádiva nem ele nem ninguém mais tivesse frio por esse tempo.

A cada porco vem o S. Martinho

É por esta época que se fazem os magustos, havendo quem os correlacione com as festividades do Dia de Todos os Santos e conseqüentemente com as dos Fiéis Defuntos e daí com um primitivo culto dos mortos. A corroborar esta posição estão as imensas festas e convívios que nesta data sempre estão agendadas, onde pontua o vinho e as febras e portanto a matança do porco.

Pelo S. Martinho abatoca o pipinho

Com efeito, decorridas as vindimas, é já tempo de furar os pipos. *A nossa tradição contemplava, por este tempo, cortejos e procissões de bêbados, exaltando-se*

mesmo figuras identificadas com esta prática, chegando estes movimentos a gerar irmandades de cunho burlesco. E porque as mulheres nunca gostaram de ficar para trás, reivindicaram elas, que se havia um S. Martinho dos homens, também havia de haver um para elas. Assim sendo ninguém tem nada que dizer quando aparecem eufóricas na data que lhes pertence.

Martinho bebe o vinho, deixa a água para o moinho

O cultivo e consumo da castanha remonta em Portugal há mais de três mil anos, sendo usada na alimentação desde a pré-história onde se destacam as suas funções terapêuticas logo a partir das folhas e dos ouriços, no que era aconselhada como tónico e estimulante cerebral, sexual, revitalizante, anticéptica, tosse etc.

Os grandes escritores, desde os clássicos Virgílio e Plínio, passando por Camões, Camilo, Eça de Queirós, Torga, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira e outros, trataram o tema das castanhas, nas suas mais variadas formas. Depois, a quantidade de provérbios por estas alturas são bem esclarecedores do que cada um mais quer para que a sua festa tenha a pretendida dignidade. Para nós, hoje, *castanhas boas e vinho fazem as delícias do S. Martinho.*



Loja de Óptica

**...AGORA
TAMBÉM COM
VENDA
AO PÚBLICO!**

**NÃO COMPRE AS SUAS ORTÓTESES OCULARES
SEM ANTES CONSULTAR O SEU ENCARGO NAS
NOSSAS LOJAS DE ÓPTICA**

**NOVA POLÍTICA DE PREÇOS
ENCARGOS RESIDUAIS
PARA OS SÓCIOS/BENEFICIÁRIOS**

COIMBRA (Sede)

Av. Fernão de Magalhães, 476 – Apartado 404 – 3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880 – Fax: 239854889
Marcação de Consultas: Tel.: 239 854 890

CALDAS DA RAINHA

Rua da Caridade, 17 - 1º Dtº – 2500-141 CALDAS DA RAINHA
Tel.: 262840020 - Fax: 262840029

FIGUEIRA DA FOZ

Rua da Guiné, 57 – 3080-034 FIGUEIRA DA FOZ
Tel.: 233407310 - Fax: 233407319

GUARDA

Lg. de S. Francisco, 6º Piso - 1º B – 6300-754 GUARDA
Tel.: 271220450 - Fax: 271220455

LEIRIA

Rua Dr. José Henrique Vareda, 27 - 1º
2410-122 LEIRIA
Tel.: 244820080/90 - Fax: 244820091

WISEU

Rua Nossa Senhora de Fátima, 11 – 3510-094 WISEU
Tel.: 232430670 - Fax: 232430679

SAMS

SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL
do SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO